

Ensino de Empreendedorismo nos Cursos de Graduação em Turismo no Estado de Santa Catarina, Brasil: Uma Contribuição Necessária

Ana Maria FERREIRA (FURB)

Amélia SILVEIRA (FURB)

Luciano Castro de CARVALHO (FURB)

Resumo

Entre os maiores desafios governamentais está a geração de emprego. Nesta problemática se inserem os turismólogos. Pondera-se que a formação destes deveria contemplar aspectos que possibilitem a inclusão no mercado de trabalho. Por meio de pesquisa teórico-empírica, exploratória, e método qualitativo, estudou-se o ensino do empreendedorismo em cursos de graduação em turismo, no estado de Santa Catarina. Coordenadores e professores desta disciplina foram os sujeitos respondentes. Os objetivos buscaram analisar as disciplinas quanto às ementas e conhecer o entendimento dos coordenadores e professores sobre a inclusão do enfoque do empreendedorismo. Os resultados apontam que dos 27 cursos estudados, sete oferecem disciplinas em empreendedorismo. As ementas se voltam para Empreendedorismo e Plano de Negócios e, coordenadores e professores entendem como importante o empreendedorismo na construção de habilidades e competências como diferencial competitivo para o mercado de trabalho.

Introdução

Com o crescente fluxo de recursos humanos marginalizados pelo desemprego industrial, um dos maiores desafios governamentais é a geração de emprego e renda, na atualidade. No setor de turismo, entretanto, quanto aos turismólogos, Ramos e Ferreira (2004, p.187) afirmam que “a possibilidade de realocação desses trabalhadores pelo setor de serviços na geração de empregos através da atividade turística, anima as análises quanto às oportunidades para países de terceiro mundo, como é o caso do Brasil”. Argumenta Tomazoni (2007) que a economia pós-industrial contribui na imposição de regras à oferta e na procura de mão-de-obra para o mercado de trabalho, e nesta sociedade capitalista de consumo, as organizações que são produtoras dos serviços de lazer estão competindo em número cada vez maior pela conquista do trabalhador-cliente.

No entender de Mota (2004, p.104) “faz-se necessária a contratação de recursos humanos altamente qualificados nas diversas atividades específicas de serviços requeridas pelo turismo”. Cabe ressaltar que a globalização da economia, para sustentar o aumento causado por essa nova demanda, exige das empresas um alto padrão de qualidade de serviços que possa consolidar o fluxo turístico dos respectivos destinos. Ainda, no dizer de Tomazoni (2007) a empregabilidade no turismo pode ser mais complexa em detrimento de outros setores e, isto se deve tanto pelo contexto social e demográfico no qual a atividade econômica está inserida como, também, pela diversificação dos segmentos por ela compostos.

Para Castells (2000), neste contexto, a figura central, realmente, é o profissional de turismo, entendido como recurso-chave neste ambiente. Por isso, as habilidades e competências em sua formação são fundamentais para a qualificação profissional e prestação de serviços, com vistas à dinamicidade e à abrangência do mercado, sobretudo no setor de turismo. Neste ponto é interessante pontuar Beni (2003, p.11) quando diz que “o profissional ou estudante de turismo precisa compreender ‘novas realidades’ (...), pois seu campo está indissolúvelmente ligado às problemáticas contemporâneas”. Percebe-se, daí, que entidades educacionais e aqui se destacando a educação superior para o turismo, por conta da nova conjuntura mundial e, também, das exigências dos consumidores, necessitam das atividades de ensino, pesquisa e extensão voltados, principalmente, para um contexto de mundo em mudança, evolução e de caráter empreendedor.

Feuerschütte e Godoi (2008) acreditam que é na dinâmica da ação empreendedora e na inovação que emergem espaços para o desenvolvimento, a mobilização e a consolidação da competência do empreendedor em qualquer tipo de negócio. No entender de Zouain e Torres (2005), “o empreendedorismo, mais do que mero modismo, é assunto antigo e imperativo” (...) sendo que o desenvolvimento dos princípios empreendedores “nos cidadãos parte da ação voltada para a educação” identificada com àquela preconizada por Freire e “que ensina ao homem ser ele mesmo, porém com meios de ser melhor a cada dia”.

Harkema e Shout (2009) assinalam que na Holanda, o Ministério de Assuntos Econômicos, juntamente com o Ministério da Educação, desde 2006, definiram políticas de estímulo ao empreendedorismo, cujo propósito foi figurar o país entre as dez principais economias do conhecimento e, oportunizando inclusão econômica e social, onde as universidades desempenham papel preponderante como educadores e agentes de mudança. O ensino do turismo é entendido como parte deste contexto.

No dizer de Frossard (apud Bahl, 2003) é de fundamental importância o entendimento de que o ensino superior de turismo não dever ser tratado com um simples treinamento, mas como um processo educativo, com estímulo à pesquisa e ao desenvolvimento de trabalhos científicos.

Beni (2003, p.172) é enfático quando defende que “pesquisar agora as expectativas e as necessidades que determinarão o comportamento presente é trabalho para o profissional altamente qualificado, criativo e informatizado das megatendências do turismo na esfera global”.

A partir destas considerações se desenvolve o presente estudo. Para tanto, os seguintes questionamentos passam a nortear o trabalho de pesquisa: Até que ponto as Instituições de Ensino Superior (IES) estão conscientes desta problemática e contemplam o enfoque de empreendedorismo como componente curricular? Qual o entendimento dos coordenadores de curso e dos professores sobre o empreendedorismo como componente curricular? Qual a tendência dos cursos de graduação em turismo?

Desta forma, o objetivo geral busca verificar o enfoque do empreendedorismo nos cursos superiores de turismo, nas instituições de ensino superior, públicas e privadas, de Santa Catarina, Brasil. Os objetivos específicos se voltaram para: a) levantar as IES de Santa Catarina que oferecem cursos de graduação em turismo; b) identificar as disciplinas que contém o enfoque de empreendedorismo em sua estrutura curricular; c) analisar estas disciplinas quanto às ementas; d) conhecer o entendimento dos coordenadores dos cursos e dos professores que ministram conteúdos sobre empreendedorismo a respeito da pertinência da inclusão deste assunto como conhecimento e habilidade relevante na formação do turismólogo; e) levantar as tendências do ensino superior de turismo em cursos de graduação, nesta região do país.

As razões que justificam abordar o ensino de empreendedorismo nos cursos de turismo baseiam-se num cenário onde as IES têm uma função fundamental. Se por um lado transmitem o saber elaborado cientificamente, por outro deverão propiciar o desenvolvimento da construção de algo inovador, seja pelas pesquisas e conseqüente produção científica de conhecimentos resultando em novos paradigmas para a educação e o trabalho. Desta forma, espera-se com este trabalho contribuir para aumentar o conhecimento da temática, bem como oportunizar reflexões sobre o ensino de graduação de turismo catarinense.

Perspectivas de crescimento para o turismo e o contexto do estado de Santa Catarina

Até o momento são ainda esparsos os estudos sobre o ensino de empreendedorismo em Santa Catarina, Brasil. Este estado tem no turismo uma das principais atividades, em um setor que movimentou US\$ 856 bilhões com o turismo internacional, em 2007. Segundo revelações do atual Secretário da Fazenda do Estado, Sr. Antônio Gavazzoni, em entrevista concedida no 9º Congresso do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), realizado em Florianópolis, em maio de 2009, Santa Catarina passará a gerar uma receita significativa com a vinda de grandes investidores, o que vem reforçar a importância deste segmento. O empreendedorismo no setor de turismo é percebido como parte do contexto.

Conforme reportagem publicada no Jornal Diário Catarinense em 30/10/2009, uma pesquisa feita com 2,5 mil moradores de onze capitais do país, realizada pelo Ministério do Turismo, apresenta Santa Catarina como sendo o quarto destino mais procurado pelos brasileiros, e a indústria do turismo precisa se adaptar a um novo consumidor, mais exigente e globalizado e, nesta linha de raciocínio, saber que o setor de viagem e turismo é uma área que vai crescer nos próximos anos, e muito rápido.

E é Krippendorff (2003) que assinala que a sociedade humana, antes tão sedentária, colocou-se em movimento. Este mesmo autor entende que “o ser humano não nasceu turista, mas com curiosidade e um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos que

gostaria de conhecer”. Em todas as épocas, isso esteve entre suas necessidades básicas e imediatas. (KRIPPENDORF, 2003, p.14).

Isto independe de sua nacionalidade, faixa etária, sexo, etnia e poder econômico, entre outros fatores.

Por outro lado Cooper (2001) afirma que a demanda se volta, por vezes, para aquelas nações afluentes e industrializadas do mundo, onde renda e direito a férias pagas são determinantes. Todavia é esperado que “nações emergentes na região do Leste da Ásia e do Pacífico, onde há uma concentração de poder econômico aumentando, se tornem geradores e receptores de turismo”. (COOPER, 2001, p.106).

Na atualidade, esta tendência se verifica em países latino-americanos com atrações específicas, e se tornam referência e a principal fonte de renda com base no turismo.

Cabe destacar que quanto ao estado catarinense, o estudo apresentado em reunião de lideranças políticas e econômicas presidida por Jean-Claude Baumgarten (2009), presidente do World Travel and Tourism Council (WTTC) objetivou mostrar o que a viagem e o turismo representam para a economia do estado, o que tornará possível pessoas tomarem decisões no sentido de reconhecer este assunto como de importância para este contexto

Os dados são promissores, visto o potencial turístico ainda pouco explorado no estado.

Como parte integrante deste assunto maior, ressalta-se a questão da necessidade de um mínimo de organização turística com infra-estrutura e recursos humanos qualificados para que o fenômeno turístico aconteça nesta região, trazendo os subsídios esperados.

O ensino de graduação no nível superior em turismo, tem relação direta com este pano de fundo e expectativas.

Para tanto, cabe entender melhor o que se passa neste setor mais específico do ensino superior.

O relevante papel do ensino do empreendedorismo

No Brasil, o ensino do turismo tem sido tema de estudos de pesquisadores como: Rejowski (1999), Teixeira (2001), Trigo (apud Lage; Milone, 2002), Ansarah (2002), Denker (2002), Matias (2002), e Mota (2004). Há nestas pesquisas pontos comuns nas discussões quando se voltam para a formação de profissionais turismólogos: a necessidade de a educação ser muito bem alicerçada para assegurar competências e habilidades em termos de conhecimentos que amparem o futuro desempenho no mercado de trabalho. Autores como D’Alberto (2005) argumentam ainda que noções de administração, voltada para ações empreendedoras são parte destes conhecimentos, na medida em que possibilita um descortinar de oportunidades no mercado de trabalho. D’Alberto (2005, p.27) afirma, mais categoricamente, que o ensino de empreendedorismo em turismo contribui na medida em que oportuniza conhecimento que ampara ações empreendedoras. Faraco (2004), anteriormente, chamou atenção de que o turismo é uma atividade estratégica fundamental com capacidade para dar impulso ao empreendedorismo.

O resultado da pesquisa de Souza, Hoeltgebaum e Silveira (2008) ilustra o papel do ensino do empreendedorismo, cuja pesquisa das referidas autoras objetivou analisar o ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em administração nos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. A conclusão foi de que o panorama do ensino do empreendedorismo não apresentou diferenças quando comparado a estudos realizados anteriormente, ou seja, permanece com ementas e autores sendo utilizados há bastante tempo e, por isso, sugerem as autoras, que os cursos de administração façam uso de melhores ferramentas que possibilitem desenvolver características empreendedoras nos alunos.

O Ministério da Educação (MEC), da mesma forma, em sua Resolução CNE/CES nº 13/2006, amparado pelo Parecer CNE/CES nº 288/2004, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores de turismo quanto às habilidades e competências mínimas exigidas para o bacharel em turismo, entre outras, o que segue:

- Intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- Domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos identificando os prioritários inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
- Integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- Compreensão da complexidade do mundo globalizado das sociedades pós-industriais onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem.

É interessante destacar que para estas habilidades e competências, tem respaldo no contexto de complexidade do atual mundo do trabalho e é nesta linha de raciocínio que o MEC estabelece que os conteúdos dos cursos de turismo devam proporcionar tanto os conceitos teóricos quanto o desenvolvimento de habilidades práticas, estas entendidas como a capacidade de interpretar e avaliar diferentes cenários para tomada de decisões e para o empreendedorismo.

Espíndola (2009) ao realizar um estudo descritivo sobre o empreendedorismo, destacando uma proposta metodológica para seu ensino em cursos superiores de Turismo, argumenta que não basta possuir características empreendedoras; há necessidade de situações que possam estimular o seu desenvolvimento e que uma proposta didática nesta perspectiva pode levar os alunos a agir, a realizar atividades práticas, e que estas atividades resultariam substancialmente numa aprendizagem ativa.

Por outro lado, Souza et al (2004) afirmam ser provável que os atores responsáveis pelas atividades voltadas para o desenvolvimento de competências empreendedoras não estejam preparados para enfrentar o desafio e, também, os mesmos não possuem uma consciência da importância do tema.

Reafirmam as autoras que o ensino do empreendedorismo em grande parte das IES que foram pesquisadas não vem ocorrendo como conteúdo principal de disciplinas, mas como um tópico do programa. E é neste ponto que se faz premente observar a necessidade de estudos fundamentados, pois, as referidas UES pesquisadas restringem a carga horária destinada à formação dos alunos em empreendedorismo e, com isso, inviabilizam a aplicação de procedimentos instrucionais mais elaborados. Para tanto, sugerem as autoras, é necessário o desenvolvimento de estratégias que visem incentivar a utilização com mais frequência de técnicas voltadas para o desenvolvimento de competências atitudinais e cognitivas do empreendedor.

Diante deste quadro, o estudo do ensino do empreendedorismo se torna representativo, nos cursos superiores de turismo. Pode-se entender, inclusive, que o enfoque do empreendedorismo deve constar na estrutura curricular dos mesmos.

O ensino do empreendedorismo no turismo

A discussão e análise do empreendedorismo nas organizações tem sido um dos temas preferidos pelos pesquisadores por se tratar de uma área dinâmica e de profunda relevância no contexto sócio-econômico. Kaufmann (1990) afirma que não há possibilidades de “receita de

bolo” para tornar uma empresa empreendedora. Esta capacidade precisa ser aprendida, cultivada e implantada pelas pessoas. Assim, há relevante papel do ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em turismo, uma vez que o preparo para tornar-se empreendedor pode e deve ser desenvolvido no ensino da graduação, oportunizando um maior entendimento da visão empreendedora. Nesta linha de raciocínio Denker e Ansarah (2004) defendem que é um desafio aos que se dedicam ao ensino e à pesquisa em turismo permitir que o conhecimento científico gerado na academia possibilite, de fato, a criação de novas formas de “saber fazer turístico”. Onzi e Botomé (2005) afirmam que os recursos humanos no turismo necessitem ser capacitados para atuarem em um grau elevado para um mercado de trabalho extremamente complexo e que, em um curso de graduação, aprofundar aprendizagens que dizem respeito a um ou mais aspectos deste mercado de trabalho, terá influência decisiva para uma atuação profissional competente em turismo.

Gaio e Fernandes (2006) relatam em seu estudo que há necessidade de que os estudantes não sejam formados apenas para serem empregados, mas que empreendam na área de atuação para buscar alternativas de empregabilidade. Observa-se que as diretrizes para a formação acadêmica do turismólogo deixam explícitas as necessidades de conhecimentos que amparem atitudes empreendedoras. Rizzon e Santos (2007) também defendem este ponto de vista. Afirmam que preparar o turismólogo implica em desenvolver um ensino levando em conta um contexto onde a atuação profissional não pode desprender-se da dinâmica e da complexidade dos conceitos que lhe servem de base. Mas, sobretudo não pode desconsiderar o “contexto plural” e dinâmico de inserção do fenômeno turístico, onde uma visão ampliada precisa estar equacionada com os princípios de sustentabilidade ambiental, econômica e social dos diferentes setores do turismo que são preconizados pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

Costa e Mota (2008) verificaram que a orientação empreendedora dada pelas instituições de ensino superior pode ter potencial para orientar os estudantes, fato este aceito pela hipótese de que “interesse empreendedor está positivamente relacionado com a vocação percebida na área de formação.” Também Suitaris, Zerbinati e Al-Laham (2007) apontam os efeitos do ensino de atitudes empreendedoras na qual esta condução institucional e pedagógica aumenta a intenção de iniciar um negócio.

Em recente evento da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), Espíndola (2009) a partir de uma análise da literatura bibliográfica e documental, demonstra que há fortes evidências de que a metodologia de ensino-aprendizagem que faz uso do trabalho com projetos está fundamentada para proporcionar condições para que os alunos venham a desenvolver espírito empreendedor. O autor defende que, esta metodologia pode viabilizar o desenvolvimento de habilidades e comportamentos empreendedores e, de fato, pode se tornar uma aprendizagem significativa, pertinente e instigante para os alunos dos cursos superiores de Turismo, trazendo com isso o desenvolvimento do setor e benefícios para a sociedade em geral.

Também, no Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE), ao longo do tempo, pode-se perceber a preocupação com estudos relativos ao ensino do empreendedorismo e seus respectivos desdobramentos, citando-se como exemplo Fontanini et al (2005) que afirmam que, levando-se em consideração um ambiente competitivo, onde há necessidade do preparo de potenciais empreendedores para abertura de novos negócios, o ensino do empreendedorismo possibilita educar estes potenciais empreendedores os orientando para valores como autonomia, inovação, transformando-os em agentes do desenvolvimento econômico e social.

Na literatura internacional, cabe destaque para os trabalhos de Menzies (1998) o qual pontuou as “Strategies and Best Practices of Entrepreneurship Centres in Canada”, tendo levantado os Centros de Empreendedorismo existentes.

Guimarães (2002) estudou um modelo de formação empreendedora na graduação da Babson College, em Massachusetts, onde a organização didático-pedagógica da instituição possibilitava esclarecer limites, dificuldades e barreiras de entrada e, também, permanência nos negócios.

Um estudo em 200 estabelecimentos de ensino superior na França interessados no empreendedorismo foi realizado por Klapper (2004), mas que se comparado com o Canadá e os Estados Unidos, o ensino estava apenas emergindo.

Na Ásia, tem-se o exemplo da China que, influenciada pelas políticas radicais que tiveram auge nos anos sessenta, segundo Li, Zhang e Matlay (2003), ainda se encontra no estágio inicial no ensino do empreendedorismo.

Conforme Matlay (2005) os sucessivos governos do Reino Unido têm feito esforços para que os universitários formados, no contexto de uma cultura empreendedora, sejam empresários com alta qualificação.

Co e Mitchell (2006) estudaram o nível de desenvolvimento do ensino do empreendedorismo em IES africanas com a finalidade de avaliar sua importância e os resultados mostraram que o mesmo ainda está em fase de desenvolvimento, apesar de algumas delas já estarem envolvidas com o referido tema desde a década de 90.

Estudos apontam que em cinco universidades da Suécia o ensino de empreendedorismo vai além das fronteiras da sala de aula. A metodologia adotada por essas universidades está alicerçada no ensino por meio da ação. Enquanto o ensino tradicional dá enfoque a aprendizagem teórico-individual, as universidades apostam que o ensino deve ser apresentado sob a forma prática-coletiva. A proposta das universidades surgiu pelo entendimento de que as habilidades individuais eram fatores limitantes ao gerenciamento de projetos, o que não permitia que os tornassem empreendedores (RASMUSSEN; SORHEIM, 2006).

Na Universidade da Pensilvânia a metodologia de ensino é ainda mais prática e real. A didática utilizada possibilita que os acadêmicos construam um projeto empreendedor abordando todo conhecimento adquirido durante o curso de graduação e que ao final do mesmo, sejam vendidos. A possibilidade de venda do projeto tem gerado satisfação aos acadêmicos por estarem aprendendo diretamente com a realidade do mercado (OKUDAN; RZASA, 2006).

Cabe observar, de forma evidente, o crescente interesse que vem orientando os trabalhos em diferentes instituições internacionais.

Método e técnicas de pesquisa

A pesquisa caracterizou-se como teórico-empírica. O referencial teórico possibilitou sua fundamentação e foi investigado na realidade das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do estado de Santa Catarina. Numa primeira fase, a pesquisa caracterizou-se como qualitativa, exploratória e do tipo documental e constituiu-se dos documentos dos cursos que contem as grades curriculares dos cursos de turismo, a ementa das disciplinas que contemplam o empreendedorismo, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais, que servem de parâmetro para as ementas das disciplinas que compõem os referidos currículos.

Os dados foram coletados por meio de pesquisa documental, em sua primeira fase. Para tanto, foi acessado o Portal da Educação Superior (INEP, 2009), para obtenção dos dados

sobre a população que se compõe das IES de Santa Catarina, que mantém o curso superior de turismo. A população inicial foi composta por 27 IES.

Segundo os objetivos da pesquisa, a amostra intencional, de conveniência, foi definida segundo o critério de seletividade, ou seja, as IES que oferecem uma ou mais disciplinas voltadas para o ensino de empreendedorismo, em sua grade curricular. Para tanto, estas foram identificadas por meio de acesso aos sítios específicos destas IES e de seus cursos, e de acesso à grade curricular, disciplinas e ementas. Nesta primeira fase de pesquisa, os programas de ensino foram tomados como documento básico de análise. Para tanto, examinou-se as ementas no sentido de análise de seu conteúdo programático. É importante salientar que dez IES apresentaram a disciplina de empreendedorismo em suas grades curriculares. Entretanto, três deles haviam fechado os cursos no primeiro semestre de 2009, inviabilizando a pesquisa nestas instituições. Assim, sete cursos foram identificados como o *locus* de estudo, ou seja, o contexto de interesse.

Findo este primeiro procedimento documental, passou-se a considerar como de interesse o conhecimento e entendimento dos coordenadores de curso e os professores da disciplina com enfoque em empreendedorismo, sobre o assunto de pesquisa. Para tanto, os respondentes-chave foram 14 sujeitos sociais, dois em cada curso estudado. Nesta segunda fase, adotou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro com questões abertas, que amparou a entrevista de pesquisa. Este roteiro foi amparado nos trabalhos de Marcarini (2003), Tezza (2004) e D'Alberto (2005). Nos dois momentos de pesquisa foi adotada a identificação de unidades de significados e de categorização por palavras-chave. Foi utilizado o que recomenda Bardin (1979) para a análise de conteúdo destas entrevistas.

Resultados de pesquisa

Quanto à **identificação do enfoque**, o primeiro resultado proveniente da definição da amostra evidencia, por si só, que o enfoque do empreendedorismo, ainda que recomendado nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores de turismo, ainda não se efetiva na prática da maioria dos cursos das IES catarinenses. Ao comparar os dados atuais com o trabalho de D'Alberto (2005) fica evidente que o número de cursos catarinenses de graduação em turismo diminuiu de 30 cursos para 27 cursos, acompanhando uma tendência da atual conjuntura. Por outro lado, 13 cursos apresentavam o enfoque de empreendedorismo como disciplina específica, em 2005. Atualmente, sete cursos apresentam esta disciplina. (D'ALBERTO, 2005).

Quanto às **ementas das disciplinas de empreendedorismo** se observam os itens que aparecem com maior frequência são empreendedorismo (conceitos) e plano de negócios, presentes em todas as ementas analisadas. Destaca-se que o plano de negócios tem prioridade como conteúdo programático nas disciplinas estudadas. Os coordenadores e professores dos sete cursos de graduação em turismo estudados se posicionam quanto às **habilidades e/ou características necessárias ao empreendedor** afirmando que a criatividade e a persistência como as principais características inerentes ao empreendedor. Entretanto, assinalam visão, polivalência e trabalho em equipe como importantes. Estes respondentes apontam três características essenciais para consolidar este ensino, as quais dizem respeito à inovação, criatividade e busca de novos nichos de mercado.

Cabe registrar o entendimento dos respondentes do que deveria compor o escopo do empreendedorismo no ensino do turismo, sendo que a respondente 1 considera primordial “preparar o egresso para atuar em um ambiente empresarial caracterizado por constantes

mudanças e acirrada competitividade, onde a capacidade de identificar problemas e apresentar soluções criativas e adequadas” seja a tônica da ementa da disciplina”.

A respondente 2 evidencia consonância com a respondente anterior quando descreve que “auto-conhecimento, criatividade, perfil, processo visionário e *net working*” dariam suporte para que este egresso esteja, de fato, preparado para o ambiente empresarial.

É interessante pontuar que a respondente 3 ao relatar que em sua opinião “as novas oportunidades do setor, novos nichos”, podem subsidiar o escopo da disciplina, vêem reforçar o que defende a respondente 1.

O respondente 4 assinala que “ a prática, em forma de oficina” seria um encaminhamento salutar para implementar características empreendedoras.

Corroborando esta opinião a respondente 5 que destaca “o estudo do perfil empreendedor” como possibilidade de implementação de características empreendedoras.

As respondentes 6 e 7 colocam a necessidade de estudos a partir das “inovações em pesquisas em diferentes campos” para consolidação de um aprendizado para desenvolvimento de características empreendedoras e que “possam fazer a diferença para inovar em suas carreiras”.

Por conseguinte as respondentes 8 e 9 ao entenderem por empreendedorismo o “movimento de empreendedores” salientam que o escopo do ensino deveria ter como foco “principalmente os conceitos, a história, e neste delineamento exemplos de sucesso e fracasso.”

Para as respondentes 10 e 11, a “iniciativa e criatividade” são pontos-chave nas características de um empreendedor, portanto, concordam com as colocações das respondentes anteriores ao se referirem a “necessidade do escopo estar alicerçado em cases de sucesso e fracasso”.

Também, as respondentes 12, 13 e 14, ao destacarem estudos acerca das características e perfil do empreendedor no seu entendimento em relação ao conceito de empreendedorismo, reafirmam ser estas características as elencadas para compor o escopo do ensino do empreendedorismo.

Percebe-se, claramente, que os respondentes evidenciam as características e o perfil como fundamentais de um empreendedor e que, nesta ótica, será possível uma abordagem fundamentada num ponto crucial do ensino do empreendedorismo: persistência.

Estes resultados encontram respaldo em trabalhos anteriores em Cursos de graduação e pós-graduação em Administração conforme Henrique e Cunha (2006) que realizaram um estudo nesta área sobre as metodologias e prática didático-pedagógicas utilizadas para o ensino do empreendedorismo nos referidos cursos nacionais e estrangeiros.

Os principais resultados apontam que as IES estão implantando o ensino do empreendedorismo em suas grades curriculares em sinergia com metodologias mais eficientes para seu aprendizado, mas ainda conjuntamente com métodos tradicionais de ensino.

Henrique e Cunha (2006) salientam que, por se tratar de pesquisa que faz a análise em vários países, percebe-se variação nas práticas e metodologias usadas, mas há uma escolha clara por aquelas práticas que instigam ação nos alunos, como plano de negócios, simulação de negócios, jogos, visitas a empresas e empreendedores e estudos de caso.

Esta parece ser uma tendência das disciplinas de empreendedorismo, independente do curso ou país onde são oferecidas.

Fica claro que o escopo do ensino do empreendedorismo deve ter como alicerce estas conotações, que “fazem a diferença para inovar em suas carreiras”, segundo afirmação mais específica de duas respondentes. Para tanto, o empreendedorismo deveria ser abordado nos cursos, segundo mais da metade dos respondentes, como disciplina obrigatória. E, esta deveria ser denominada de empreendedorismo, deixando entrever, claramente, que o nome da

disciplina está relacionado com o conceito e suas implicações. Seguindo ainda esta linha de raciocínio, estes respondentes afirmam que o **foco da disciplina de empreendedorismo** deveria estar voltado para os conceitos gerais de empreendedorismo, perfil empreendedor e plano de negócios. Estes itens são os que, presentemente, contemplam as ementas das disciplinas estudadas.

Os demais questionados argumentam que o empreendedorismo deveria ser ofertado como eixo temático dos cursos. No que diz respeito ao **ensino do empreendedorismo** e sua importância para os cursos de turismo, os respondentes entendem que esta é base para o sucesso profissional dos acadêmicos, havendo unanimidade sobre sua relevância no incentivo à criatividade e inovação.

A respondente 1 considera o ensino “importante para incentivar novas combinações, inovações e investimentos”.

É importante ressaltar o que opina a respondente 2 quando coloca que o ensino se torna primordial para aqueles “que não querem abrir uma empresa mas podem ser intra-empresendedores”.

A respondente 3 é enfática quando diz que “o ensino é relevante na medida em que seja oferecido como eixo temático, pois enquanto disciplina, não terá grande impacto na formação do egresso”, acredita a referida respondente.

Ao descrever a questão do ensino do empreendedorismo o respondente 4 considera “importantíssimo, pois o curso de Turismo é um ambiente muito propício ao desenvolvimento de empresários. Muitas das empresas turísticas que existem em Florianópolis hoje, são de egressos dos cursos de turismo da região”.

Coadunam com esta respondente, as respondentes 5 e 6 ao descreverem que nas suas opiniões o ensino do empreendedorismo “é a base para o sucesso profissional do acadêmico, pois é necessário que desenvolva as habilidades empresariais, busque o auto-conhecimento”.

Entretanto a respondente 7, “de maneira geral acho que o ensino do empreendedorismo ainda é fraco e que as pessoas acabam se interessando e buscando ferramentas para saber mais, mas na universidade acho fraco”.

As respondentes 8 e 9 salientam “a globalização que está permeando todas as disciplinas e por isso, o ensino do empreendedorismo precisa urgentemente ser implementado em todos os cursos, principalmente no Turismo, por se tratar de uma área altamente competitiva e em constante mudança”.

Há, neste item, um consenso generalizado entre as respondentes 10,11 e 12 quando expressam que “há uma relação entre o ensino do empreendedorismo e o melhor desempenho da função de turismólogo, embora, uma disciplina isolada pode não trazer a contribuição desejada para seu ensino”.

Na opinião das respondentes 13 e 14 se o empreendedorismo “é o ato de fazer algo novo, em busca de objetivos previamente estipulados (...) é de grande importância um ensino voltado para o atendimento das demandas regionais e uma atualização constante das ferramentas de ensino aplicadas ao turismo”.

Cabe observar que a inovação é interpretada pelos respondentes como extremamente necessária para a geração de emprego e renda, apresentando-se como diferencial competitivo para o mercado de trabalho dos bacharéis em turismo.

As **tendências dos cursos de graduação em turismo** se voltam no sentido da revitalização dos cursos. Há verbalizações entre os respondentes de que o enfoque do empreendedorismo possa se tornar uma tendência para os demais cursos catarinenses. Também a atualização de conceitos e de ferramentas de ensino se constitui em tendências.

E é a respondente 1 que corrobora a necessidade de atualização quando diz que “estamos realizando uma pesquisa neste sentido, mas com certeza algo precisa ser feito, esta é uma área extremamente mutável, e os cursos infelizmente são estáticos, há dez anos continuamos vendo as mesmas disciplinas e enfoques em nossos cursos, mas o mundo mudou, e o turismo também. É necessário que sejamos mais “rápidos” em relação a estas mudanças, para que estejamos aptos a responder as carências do mercado de maneira geral (tanto dando o que o mercado quer, como mostrando a este as novas tendências, nortes, etc...)”.

A respondente 2 considera as tendências “cada vez mais fortes e necessárias”.

“O atendimento das demandas regionais e atualização de conceitos e ferramentas de ensino aplicadas ao turismo” é o que a respondente 3 considera tendência dos cursos. O respondente 4, nesta mesma linha de raciocínio, diz que “cursos com foco no mercado, com eixo temático em áreas aplicadas, o “Turismo empreendedor” pode ser uma saída”.

A respondente 5 “acredita que a tendência é que poucos cursos de bacharelado irão continuar, somente aqueles que já tem um nome fortalecido no mercado, os demais, ou serão tecnólogos, ou serão instintos.

Por isso, defende a respondente 5, “em pesquisas de mercado percebo que a necessidade é a formação da mão de obra, mas os cursos de turismo não podem transformar-se somente em cursos técnicos.

Em contrapartida a respondente 6 acredita que “adaptação as necessidades do mercado, com opção acadêmica, ou seja mais curto e técnico para quem deseja e mais longo e científico para novos pesquisadores”. E a respondente 7 complementou “sempre digo aos alunos: busquem as oportunidades, usem!”.

As respondentes 8, 9 e 10, fundamentam suas colocações, respectivamente, na necessidade de “aplicação da metodologia da oficina do empreendedor”, “adaptar a cada instituição/cursos oficinas que possam servir de base para discussões e aprofundamento de propostas empreendedoras” e, “fazer das oficinas uma metodologia que possa servir de elo para discussões e a revitalização dos cursos”.

Fica evidenciada a necessidade de revitalização dos cursos de graduação em Turismo na afirmação da respondente 11 quando diz que “o empreendedorismo deve e precisa se tornar um dos principais eixos norteadores dos cursos visto a demanda premente por profissionais com iniciativa e criatividade, ainda mais numa área que lida com os sonhos das pessoas”.

A respondente 12 assinala que a tendência “é uma maior e mais profunda discussão sobre a temática”.

Na opinião das respondentes 13 e 14 “há muito que fazer numa área competitiva e extremamente diversificada”, “não há tempo a perder, há necessidade de parcerias para que se possam encaminhar ações que contribuam para revitalização dos cursos”.

Em relação as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Turismo que deixam claro oportunizar a formação de um profissional apto a atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação, é evidente pelas colocações de todos os respondentes que há muito que fazer e, sobretudo, que o norteamento da prática pedagógica precisa compatibilizar metodologia e educação empreendedora.

Conclusões

A inclusão de disciplinas com enfoque em empreendedorismo não parece ser a tônica das IES catarinenses que oferecem cursos de graduação em turismo. Mesmo com a

deliberação do órgão máximo de onde emanam as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos superiores de turismo, apenas sete apresentam a disciplina de empreendedorismo. Empreendedorismo e Plano de Negócios se destacam como itens nas ementas estudadas. O entendimento dos coordenadores e dos professores é de que o ensino de empreendedorismo acrescenta conhecimentos, destacando inovação e criatividade como pontos importantes. Entre as tendências dos cursos superiores de turismo revela-se a inclusão do empreendedorismo.

Torna-se interessante pontuar que as disciplinas têm como denominação principal o termo Empreendedorismo e este acompanhado muitas vezes da designação do próprio curso, ou seja, Empreendedorismo no Turismo, como se houvesse diferença no empreendedorismo em cada campo de aplicação.

Há, ainda, uma dimensão sensível e pouco explorada, que é a criatividade, base para se ter idéias, repertório de possibilidades, experiência inclusive, e a inovação, novo arranjo, inerente ao ato de empreender, portanto, uma incongruência entre conteúdo programático da disciplina e seu escopo, o que possibilitaria uma visão abrangente e integrada a outras disciplinas como Planejamento e Estratégia.

Observa-se que há uma tendência na intensificação nos estudos em empreendedorismo, mas esta tendência ainda não reflete ou não representa um avanço no conhecimento científico desta área. Neste contexto, percebe-se que o conhecimento gerado sobre a temática em epígrafe, especificamente no ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em turismo, não vai além das fronteiras demarcadas pelas ementas dos cursos.

Assim, a criatividade e capacidade de inovação do profissional da educação, enquanto usuário de metodologias para o ensino de empreendedorismo, torna-se relevante para que haja um novo olhar sobre a temática. Considerando que as ementas são estruturas fixas e que limitam a expansão de estudo do tema, uma abordagem metodológica diferenciada utilizando os recursos disponíveis faz-se necessária. Desta forma, a inovação arquitetural proposta por Henderson e Clark (1990) pode ser de grande valia nesta problemática, uma vez que considera o conhecimento gerado pelos elementos componentes da estrutura (ementas), mas que reconfigura a forma com que esses elementos então interligados ou didaticamente apresentados, ou seja, uma nova combinação de elementos gera um novo conhecimento sem que haja alteração do projeto norteador da disciplina que é proporcionar conhecimentos em empreendedorismo.

Outros termos que merecem destaque são a interdisciplinaridade, enquanto possibilidade de incorporação de outras disciplinas, visões de mundo abrangente acerca de toda a problemática atual de uma sociedade globalizada.

Nesta linha de raciocínio o estímulo aos alunos, o desenvolvimento de potenciais empreendedores para a identificação de problemas atuais como, por exemplo, oportunidades de negócios seriam extremamente salutares, visto que o foco em disciplinas como Plano de Negócios ainda apresenta uma estrutura/forma rígida na sua condução, permitindo pouco a criatividade e a inovação, visto um processo de entendimento linear e racional. Não há, de forma substancial, rapidez e liberdade de raciocínio para condução de atividades propostas.

Também ainda é algo “estático”, o referencial bibliográfico, privilegiando autores como Dolabela, Dornelas, seguidos de Drucker, Filion e Degen. Fica claro, a não renovação dos próprios conteúdos programáticos como encaminhamento possível de outra visão de mundo, se se considerar a evolução necessária para seu crescimento.

As disciplinas são oferecidas entre o 4º e o 7º semestre dos cursos estudados, não havendo uma fundamentação teórica para tal decisão.

Os professores e coordenadores dos respectivos cursos são peças-chave neste contexto, e também, reproduzem o que lhes foi ensinado de maneira rígida, com uma formação que não ensinou a criatividade e ousadia.

A cultura brasileira não é voltada para o empreendedorismo, é claro ao longo do tempo, que há um entendimento de que o bem sucedido é aquele que tem o melhor emprego. E isto, ainda permanece, apesar da abertura de mercados e da globalização e sua consequente competitividade.

Este estudo permite apesar das limitações que lhe são inerentes como estudo com delineamento exploratório e método qualitativo, entendidos como iniciais de pesquisa, abre a possibilidade para que sejam seguidos inúmeros caminhos. Para tanto, ficam aqui sugestões para outros estudos quais sejam: a pesquisa com todos os professores dos cursos de turismo, e não apenas os coordenadores de curso e aqueles que lecionam a disciplina de empreendedorismo; com os alunos e egressos dos cursos haveria outra possibilidade de pesquisa; e, envolver na pesquisa os cursos que não tem disciplinas com enfoque no empreendedorismo. Outras abordagens metodológicas também podem se apresentar como possibilidades de novas incursões e contribuições.

Referências

ANSARAH, M. G. dos R. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAHL, Miguel. (org.). **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: roca, 2003.

BENI, M.C. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3.ed.São Paulo: Paz e Terra,2000.

CO, M. J.; MITCHELL, B. Entrepreneurship education in South Africa: a nationwide survey. **Education + Training**, v. 48, n. 5. p. 348-359, 2006.

COOPER, C. et al. **Turismo princípios e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

COSTA, F.J.; MOTA, K.C.N. Uma análise do interesse empreendedor de estudantes de turismo. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPTUR, 2008. 1 CD-ROM.

D´ALBERTO, A.M.F. **O ensino do empreendedorismo nos cursos de turismo do estado de Santa Catarina, Brasil**. 2005. 222 f. Dissertação (Mestrado em Administração: Gestão Moderna de Negócios) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade regional de Blumenau. Blumenau, 2005.

DENCKER, A.F.M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2002.

DENCKER, A.F.M.; ANSARAH, M.G.R. Formação do bacharel em turismo e pesquisa interdisciplinar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2, 2004, Caxias do Sul. **Anais...** Caixas do Sul: SEMINTUR. 2004. 1 CD-ROM.

ESPÍNDOLA, P.G. O empreendedorismo no curso superior de turismo: uma proposta metodológica para o seu ensino. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. 6, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2009. 1 CD-ROM.

FEUERSCHÜTTE, S.G.; GODOI, C.K. Competências de empreendedores hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral. **Revista Turismo: Visão e Ação**, Itajaí, v.10, n.1, p.39-55, jan./abr. 2008.

FARACO, E. O perfil empreendedor e a formação de conhecimentos para o desenvolvimento de novos negócios no segmento de pousadas. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2, 2004, Caxias do Sul. **Anais...** Caixas do Sul: SEMINTUR, 2004. 1 CD-ROM.

FONTANINI, C.A.C. et al. Análise do perfil empreendedor dos discentes regularmente matriculados no Programa de Formação de Novos Empreendedores da PUC-PR. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 4, 2005, Curitiba. **Anais...**Curitiba: UEL, UEM, PUCPR, 2005, p. 508-517.

GAIO, C.; FERNANDES, L.R. Perfil do bacharel em turismo: a disparidade entre a realidade da formação e a necessidade do mercado de trabalho. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 3, 2006, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: ANPTUR, 2006. 1 CD-ROM.

GUIMARÃES, L. O. Empreendedorismo no currículo dos cursos de graduação e pós-graduação em administração: análise da organização didático-pedagógica destas disciplinas em escolas de negócios norte-americanas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador. **Anais...** Porto Alegre: Pallotti, 2002. 1 CD-ROM.

HARKEMA, S.J.M.; SCHOUT, H. Incorporating student-centred learning in innovation and entrepreneurship education. *European Journal of Education*, v. 18, n. 46, p. 26, 2009.

HENDERSON, R.N.; CLARK, K. B. Architectural Innovation: The Reconfiguration of Existent Product Technologies and the Failure of Established Firms. *Administrative Science Quarterly*, v. 35, n. 1, pp. 9-30, 1990.

HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. da. Metodologias, recursos e práticas didático-pedagógicas no ensino do empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-

GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 2006, Salvador. Anais...Porto Alegre: Pallotti, 2006. 1 CD-ROM.

KAUFMANN, L. **Passaporte para o ano 2000**: como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora para crescer com sucesso até o ano 2000. São Paulo: McGraw Hill, 1990.

KLAPPER, R. Government goals and entrepreneurship education – na investigation at a Grande Ecole in France. **Education + Training**, v.46, n.3, p. 127-137, 2004.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

LAGE, B.; MILONE, P. C. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2002.

LI, J.; ZHANG, Y.; MATLAY, H. Entrepreneurship education in China. **Education + Training**, v. 45. n. 8/9, p. 495-5-5, 2003.

MARCARINI, A. **O empreendedorismo nos cursos de administração de Santa Catarina, Brasil**. 2003.138 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003.

MATIAS, M. **Turismo, formação e profissionalização: 30 anos de história**. São Paulo: Manole, 2002.

MATLAY, H. Entrepreneurship education in UK business schools: conceptual, contextual and policy considerations. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, V. 12, n.4, P. 627-643, 2005.

MENZIES, T.V. Na exploratory study of university entrepreneurship centers in Canadá: a first step in model building. **Journal of Small Business and Entrepreneurship**, n. 15, p. 15-38, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares MEC para os cursos de graduação. Disponível em:< <http://www.mec.gov.br/Sesu/cursosdegraduacao>>. Acesso em: 18 mar.2009.

MOTA, K.C.N. La integración multidisciplinar em la educación del turistólogo. **Estudios y Perspectivas em Turismo**, Buenos Aires, v.13, n.1 e 2, p.5-21, 2004.

OKUDAN, G.E., RZASA, S.E. A project-based approach to entrepreneurial leadership education. *Technovation*. v. 26. P. 195-210. 2006.

ONZI, L.; BOTOMÉ. S. P. Características do ensino superior de graduação em turismo: a organização do conhecimento como critério de planejamento da formação profissional. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 16, n.2, p. 133-156, Nov. 2005.

RAMOS, S. C.; FERREIRA, J.M. Levantamento das práticas e conteúdos do ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração na cidade de Curitiba – PR. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

ADMINISTRAÇÃO, 28, 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.

RASMUSSEN, Einar A.,SORHEIM, Roger. Action-based entrepreneurship education. *Technovation*. v. 26, p. 185-194. 2006.

REJOWSKI, M. **Turismo e Pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.

RIZZON, L.A.; SANTOS, M.M.C.dos. A atuação profissional em turismo no planejamento e execução do ensino de nível superior. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2007. 1 CD-ROM.

SOUZA, E. C. L. ; DEPIERI, Cristina Castro Lucas de Souza ; ZERBINI, Thais ; ASSIS, Simone . Métodos e Técnicas de Ensino e Recursos Didáticos para o Ensino do Empreendedorismo em IES Brasileiras. In: EnANPAD, 2004, Curitiba. Anais do XVIII EnANPAD. Rio de Janeiro : ANPAD, 2004. v. 01. p. 1-15.

SOUZA, S.; HOELTGEBAUM, M.; SILVEIRA, A. O ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em Administração do Paraná e do Rio Grande do Sul. **Revista Dynamis**, Blumenau, v.1, n.14, p. 12-22, jan./mar. 2008

SUITARIS,V.;ZERBINATI, S.; AL-LAHAM, A. Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning inspiration and resoucers. **Journal of Business Venturing**, V. 22, n.4, p. 566-591, 2007.

TEIXEIRA, R.M. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. In: **Turismo em Análise**. São Paulo: ECA/USP, v. 12, n.2, p. 07-30, nov. 2001.

TEZZA, Gisele Orli Adam. **O ensino do empreendedorismo nos cursos de administração das universidades do estado do Paraná, Brasil**. 2004. 141f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2004.

TOMAZONI, E.L. Educação profissional em turismo: cria-se mercado pela formação? **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 18, n.2, p. 197-219, nov. 2007.

ZOUAIN, D.M.; TORRES, L. da S. O método de estudo de caso: experiências práticas comprovando a influência do desenvolvimento tecnológico sobre o desenvolvimento social. In: VIEIRA, M.M.F.;ZOUAIN, D.M. (Org.). **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

6 problemas urgentes para resolver. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 out. 2009. Disponível em:< <http://www.diariocatarinense.com.br/cbndiario> >. Acesso em 30 out.2009.